

A ECONOMIA DO COURO NO PIAUÍ

Por Leonardo Madeira Martins* e José Machado Moita Neto**

Resumo: o objetivo do artigo é refletir sobre a indústria e o mercado coureiro piauiense levando em consideração a produção de couros no Brasil. A sociedade piauiense, assim como todas aquelas dos sertões, viveu a cultura do couro, usando-o em várias situações do cotidiano e em equipamentos auxiliares na lida com o gado. No Piauí existem dois curtumes de grande porte, registrados e em atuação; os demais, extinguíram-se devido às oscilações de mercado e especialmente à crise financeira internacional que se iniciou em 2008. O atendimento às novas tendências de mercado e às exigências ambientais é que garantirão a sobrevivência dos curtumes.

Palavras-chave: Curtume. Mercado do couro. Economia piauiense.

Abstract: the objective of the paper is to discuss the industry and the leather market Piauí considering leather production in Brazil. The Piauí society and all those of the backlands lived the leather culture, using it in various situations of everyday and auxiliary equipment in dealing with cattle. In Piauí there are two large tanneries, recorded and action; the other, no longer exist due to market fluctuations and especially the international financial crisis that began in 2008. Compliance with the new market trends and environmental requirements is that will ensure the survival of tanneries.

Keywords: Tannery. Leather Market. Piauí Economy.

1 Introdução

O couro, produto dotado de grande valor econômico, representa uma das mais antigas mercadorias que perduram no mercado moderno. A história do seu uso, importância e nobreza coincidem com a história da humanidade. O sertão nordestino brasileiro, por exemplo, foi em sua grande parte, entre os séculos XVI e XVII, ocupado para produzir gado, sendo chamado pelo escritor cearense Capistrano de Abreu (1963) de “civilização do couro”, pois, por mais que houvesse uma escassez de água, a terra era abundante e propícia à criação do gado já endêmico da região, o que fez daquela cultura sertaneja algo singular e diferente da litorânea.

Conforme Capistrano de Abreu (1963, p. 149), [...] de couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água; o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz.

No Piauí, não foi diferente; o processo de desbravamento do seu território deu-se do interior para o litoral, pautando-se na atividade pecuária. Segundo Alves (2003), assim como a economia, toda a organização socioespacial do Piauí definiu-se de acordo com a atividade pecuária. A sociedade do Piauí colonial, assim como todas aquelas dos sertões, sob domínio da pecuária, viveram a cultura do couro, o qual usavam-no em várias situações do cotidiano, seja como vestimentas, utensílios domésticos, e equipamentos auxiliares na lida com o gado.

Devido à sua qualidade e ao alto valor agregado, o couro ainda é bastante utilizado no mercado moderno, desde a produção de calçados, bolsas, cintos, casacos, móveis, na indústria automobilística e até aeronáutica.

Tecnicamente, a diferença entre couro e pele está relacionada com a fonte (animal) da matéria-prima a ser curtida. Conforme Shreve e Brink Junior (2012), o termo **couro** se aplica às peles dos animais maiores, como touros, cavalos, vacas e bois; o termo **pele** é pertinente às peles de cabras, carneiro, novilhas e animais menores.

A transformação de pele em couro ocorre na indústria do couro, mais comumente denominada de curtume. Nela, o grande objetivo está no retardamento do processo de putrefação da matéria orgânica animal e na eliminação de odores desagradáveis, tornando-o utilizável para as demais indústrias e para o atacado. Para isto, várias técnicas foram desenvolvidas desde a pré-história, como o (a) curtimento ao fumo, para utilização do couro para a construção de cabanas e tendas, em que a fumaça das fogueiras conservava (curtia) a pele e aumentava a sua resistência às intempéries do ambiente; (b) o curtimento ao óleo, que, desde a Antiguidade, faz uso de certos óleos secativos que embebem peles, oxidam e reagem, produzindo a camurça; (c) o curtimento vegetal, ainda hoje utilizado, feito através de banhos com soluções concentradas de extratos vegetais; e o (d) curtimento mineral, com o uso do cromo trivalente.

Conforme Campos (2006), a classificação mais usual do couro é *wet blue*, *crust* e acabado. Para o couro *wet blue*, há reduzida agregação de valor e necessita de pouca mão de obra para sua execução; o *crust* é o couro semiacabado e utiliza o *wet blue* como matéria-prima; o couro acabado, por sua vez, é o resultado da última etapa da transformação das peles em couros e consiste no produto final de maior valor agregado desse processo produtivo, empregando grandes contingentes de mão de obra.

Já os curtumes, de acordo com Santos et al. (2002), podem ser caracterizados de acordo com as etapas de processamento do couro:

- a) curtume de *wet blue* - desenvolve o primeiro processamento de couro, qual seja, logo após o abate, o couro salgado ou em sangue é despelado, graxas e gorduras são removidas e há o primeiro banho de cromo; e o couro passa a exibir um tom azulado e molhado, daí o nome *wet blue*;
- b) curtume integrado - realiza todas as operações, desde o couro cru até o couro acabado;
- c) curtume de semiacabado - utiliza como matéria-prima o couro *wet blue* e o transforma em couro *crust* (semiacabado);
- d) curtume de acabamento - transforma o couro *crust* em couro acabado.

No entanto, a industrialização e a modernização dos processos de curtimento ao longo dos séculos, com o uso de metais pesados, corantes, agentes taninos e sulfonados, têm elevado o potencial de impacto ambiental dos curtumes, produzindo efluentes líquidos e gasosos, bem como resíduos sólidos mais complexos e de difícil gerenciamento.

Os países desenvolvidos têm focado sua

produção no acabamento da matéria-prima importada dos países subdesenvolvidos (*wet blue* ou *crust*), ou seja, a parte mais poluidora do processo industrial acaba sendo realizada nos países economicamente mais desfavorecidos.

O desafio de produzir dentro de um conceito de desenvolvimento sustentável é importante para a indústria do couro a fim de que possa ampliar suas perspectivas de atuação no mercado interno e externo, além de maior acesso a linhas de financiamento.

Segundo Guterres (2006), o mercado de peles e couro cresceu notavelmente no período de 1970 a 2000. A produção de couro aumentou, sobretudo, nos países em desenvolvimento. Santos et al. (2002) consideram que o motivo para o deslocamento desse mercado para regiões como a América do Sul reside na busca de mão de obra de menor custo e nas restrições mais severas das políticas ambientais dos países produtores tradicionais.

O Brasil, por exemplo, possui um dos maiores rebanhos bovinos da atualidade. Conforme dados da *United States Department of Agriculture* (2014), o efetivo brasileiro de bovinos, em cabeças, em abril de 2014, foi de 207,9 milhões, ocupando a segunda posição no *ranking* mundial, ficando atrás somente da Índia e na frente dos efetivos da China, da União Europeia e dos Estados Unidos da América (EUA).

Observa-se também, mesmo em menor escala um deslocamento interno do mercado coureiro. Segundo Câmara e Gonçalves Filho (2007), a maior parte das empresas que atuam no setor de couros localiza-se no Sul e Sudeste do País, havendo tendência atual de deslocamento para um novo polo no Centro-Oeste em função da localização dos rebanhos e frigoríficos, assim como dos incentivos e de outras condições favoráveis que deslocam a produção para o Nordeste.

De acordo com Rey et al. (2007), no Brasil, o Nordeste tem uma enorme tradição na caprinocultura, o que favorece, *a priori*, o desenvolvimento na produção de seus produtos derivados. O aumento na produção de caprinos tem implicações para o acréscimo nas suas zonas produtoras, representando, assim, para o Nordeste, uma grande oportunidade de desenvolvimento social e econômico.

Conforme Araújo et al. (2007), o rebanho caprino do Piauí está entre os maiores do Nordeste e concentra-se na região semiárida do estado. Em função do baixo nível tecnológico empregado, a

caprinocultura da região apresenta baixa rentabilidade, em contraposição ao alto potencial que a atividade apresenta como importante alternativa geradora de renda, sendo capaz de melhorar o nível econômico, sobretudo da agricultura familiar.

Segundo Rey et al. (2007), a desvalorização da pele, como produto, por parte do produtor e pela indústria, associada à desestruturação da produção, à inexistência de uma cadeia produtiva e à carência de pesquisa que contribua para obtenção de um produto de qualidade, poderia ser o ponto crítico do freio do desenvolvimento da indústria de transformação da pele caprina; porém, esta matéria-prima alcança um alto valor no mercado internacional e nacional como produto transformado, podendo ser uma importante fonte de renda nas zonas economicamente desfavorecidas, como no Nordeste.

Neste sentido, o presente trabalho se propõe a fazer uma reflexão sobre a indústria e o mercado coureiro piauiense levando em consideração a produção de couros no Brasil.

2 Metodologia

Para o entendimento do mercado de produção de couro no Piauí, buscou-se identificar as indústrias no estado através de publicações oficiais e de visitas *in loco* e aos órgãos públicos que tratam do assunto. As informações relativas às balanças comerciais brasileira e piauiense (exportação e importação) foram obtidas a partir do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior, denominado Aliceweb, em consultas ao Capítulo - SH 2 dígitos: 41 - Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros, da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

3 Resultados e Discussão

No estado do Piauí, existem dois curtumes de grande porte, registrados e em atuação. O primeiro (A) beneficia couros e peles, já o segundo (B) somente peles. Os demais curtumes, de pequeno e médio porte, extinguiram-se devido às oscilações de mercado e especialmente à crise financeira internacional que se iniciou em 2008. Em Teresina, existem ainda quatro matadouros de grandes e médios animais com serviços de inspeção municipal; os mesmos também funcionam como salgadeiras de couro.

Segundo Martins e Moita Neto (2012), relatos de trabalhadores do setor dão conta de que no ano de 2008 os preços chegaram a níveis tão baixos que tornaram a venda do produto inviável, preferindo estocá-lo à espera de uma recuperação do mercado. Naquela época, somente os curtumes de maior porte conseguiram resistir.

Na Figura 1, é possível observar que houve uma retração das exportações no ano de 2008 e um crescimento anormal (fora da tendência) no ano de 2009. É possível observar ainda que as exportações oscilaram bastante no período estudado, o que mostra uma instabilidade no mercado do couro piauiense. Já as importações apresentaram uma tendência de decaimento desde 2008, o que pode representar uma melhora na autossuficiência de matéria-prima por parte dos curtumes piauienses. A matéria-prima que abastece o curtume A provém de um frigorífico do próprio grupo, salvo raras exceções de grande demanda em que os mesmos se vêem obrigados a comprar couros ou peles no mercado regional. Outrossim, o curtume B é abastecido a partir da compra de matéria-prima de salgadeiras e pequenos produtores rurais.

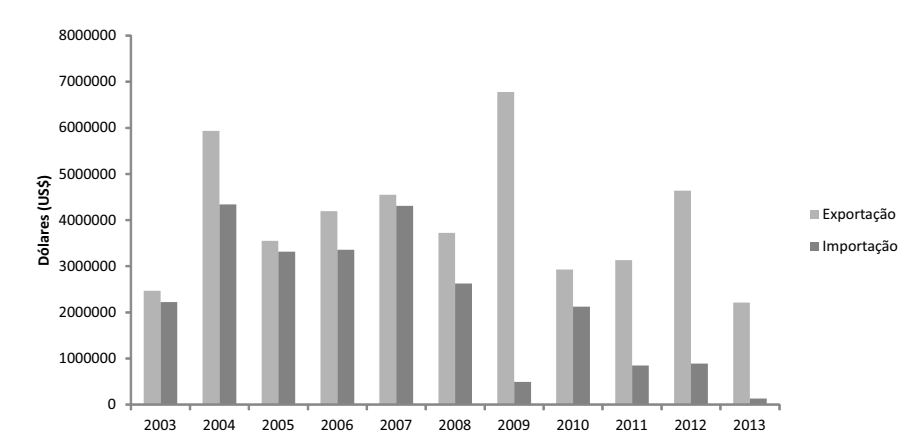


Figura 1 - Balança comercial (US\$ FOB) do mercado do couro no Piauí

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb (MDIC, 2014).

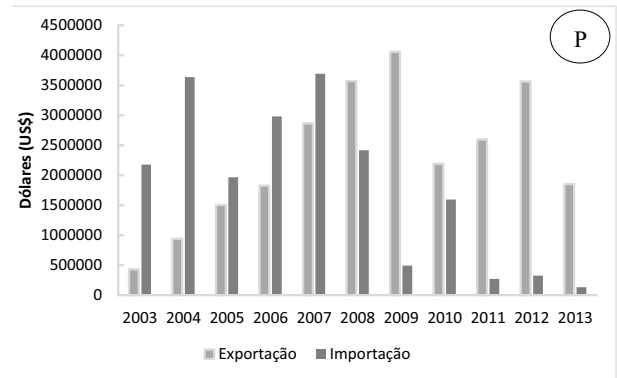


Figura 2 - Balanças comerciais (US\$ FOB) do mercado do couro em Teresina (T) e Parnaíba (P). 2003-2013.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb (MDIC, 2014).

Observa-se na Figura 2 que o mercado

parnaibano é mais pujante que o teresinense no que se refere à exportação de couro; e que o efeito da crise econômica internacional pôde ser sentida nos dois municípios com efeitos semelhantes, porém com intensidades diferentes.

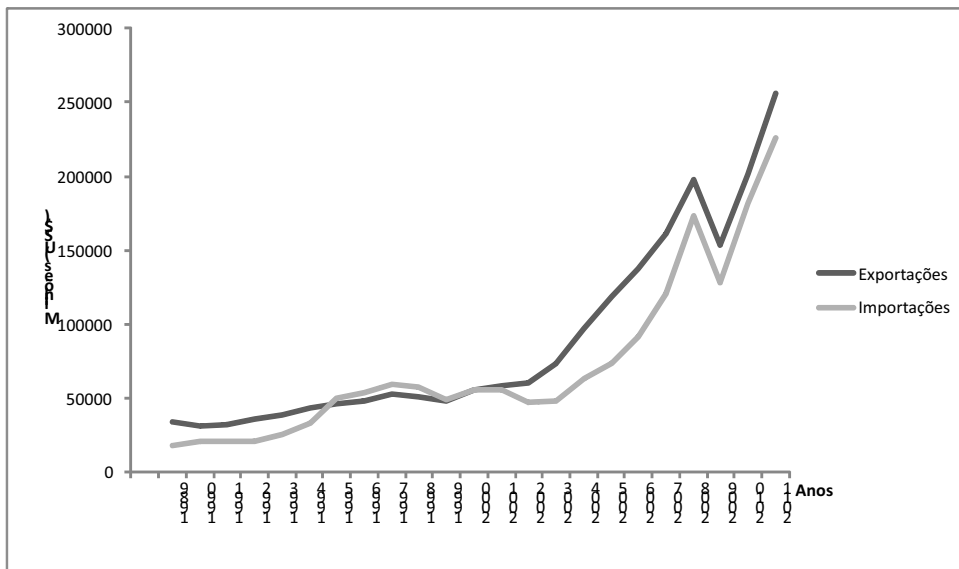


Figura 3 - Balança comercial brasileira (1989-2011)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb (MDIC, 2014).

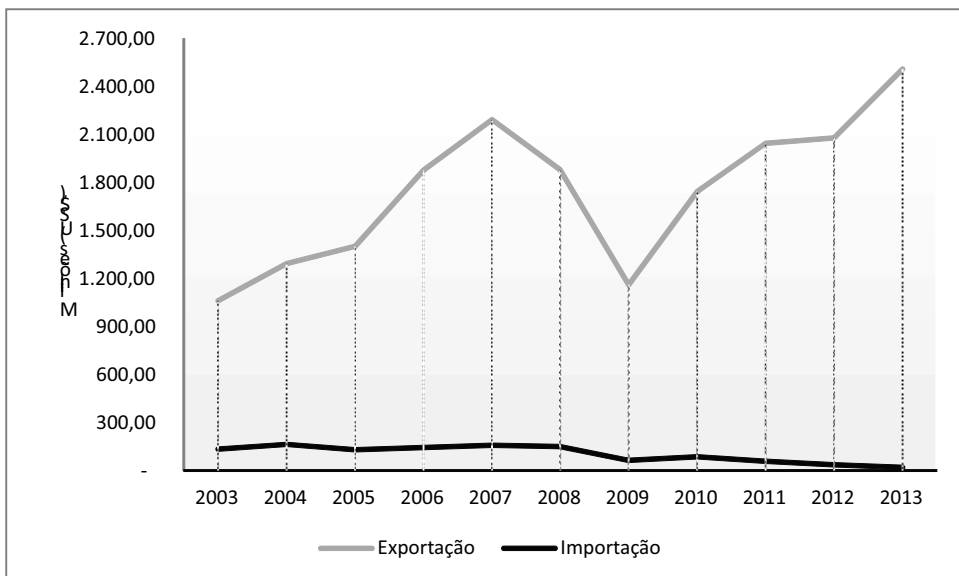


Figura 4 - Balança comercial (US\$ FOB) do mercado coureiro brasileiro

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb (MDIC, 2014).

economia piauiense, mesmo com apenas duas indústrias. As mesmas estão entre as principais empresas exportadoras do estado. Conforme a Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (Cepro) (2013), em 2011 o 4º produto com maior faturamento em exportação foi couros e peles (US\$ 3.133.157,00), atrás somente da soja (US\$ 90.923.204,00), da cera de carnaúba (US\$ 44.096.763) e do algodão (US\$ 7.991.871,00).

Observando a balança comercial brasileira como um todo, no período de 1989 a 2011, é possível observar o efeito da crise no mercado financeiro brasileiro; há uma anomalia na linha de crescimento do mercado brasileiro no ano de 2009 (Figura 3). Fato este que nos remete a concluir que a retração do mercado piauiense do couro foi apenas reflexo do impacto que o País sofreu com a crise financeira (Figura 4).

Conforme os dados da Figura 4, considerando os valores monetários acumulados no ano de 2013, a exportação brasileira de couro atingiu a cifra de, aproximadamente, US\$ 2,5 bilhões, que resultou no seguinte desempenho:

- a) aumento de 20,7% em relação a 2012;
- b) aumento de 22,7% em relação a 2011;
- c) aumento de 44,0% em relação a 2010.

Segundo dados da Figura 5, a partir de 2002 o

couro *wet blue* deixou de ser o principal tipo de couro exportado, perdendo o lugar para o couro acabado. Assim, o País seguiu a tendência dos principais exportadores mundiais.

Conforme o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) (2014), o perfil da exportação brasileira por tipo de couro em 2014, considerando o valor exportado, foi o seguinte: acabado, 57,4%; *wet blue*, 28,5%; *crust*, 6,7%; e raspa de *wet blue*, 7,3%; e salgado, 0,2%. Os principais destinos do couro brasileiro exportado no primeiro semestre de 2014 foram China e Hong Kong, com 36,3%; Itália, com 16,0%; EUA, 10,2%; e outros países, 37,5%. Vale ressaltar o expressivo aumento na exportação de couro salgado e raspa de *wet blue* no período de 2012 a 2014 (Tabela 1), o que denota a importância ainda desta produção de base. Os efeitos da crise econômica internacional parecem ter sido superados pelo Brasil, pois as exportações apresentaram constante crescimento.

De acordo com o CICB (2014), os principais estados exportadores no primeiro semestre de 2014 foram Rio Grande do Sul, São Paulo e Goiás, com participação de 19,7%, 18,9% e 14,3%, respectivamente, somando juntos 52,9%. O Piauí aparece apenas na 17ª colocação com uma

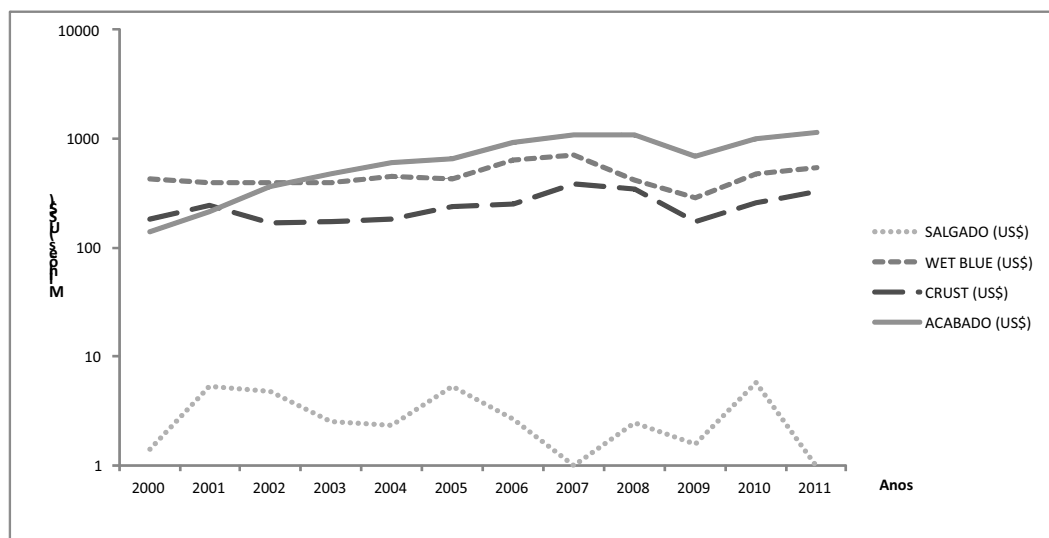


Figura 5 - Série histórica das exportações brasileiras de couros bovinos (2000-2011)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Secex/CICB, 2014.

Tabela 1 - Exportações brasileiras de couro bovino por tipo de couro. jan.jul./2012-jan.-jul.2014

Tipo de couro	Valor FOB (US\$)			Variação (%)	
	Jan.-jul./2012	Jan.-jul./2013	Jan.-jul./2014	2014/2013	2014/2012
Salgado	1.675.493	7.697.476	6.611.899	-14,1	294,6
<i>Wet blue</i>	311.094.610	457.614.768	552.861.923	20,8	77,7
Raspa de <i>wet blue</i>	57.044.171	67.658.300	133.409.145	97,2	133,9
<i>Crust</i>	95.961.977	84.321.939	84.938.036	0,7	-11,5
Acabado	702.438.828	759.771.540	928.057.560	22,1	32,1
Total	1.168.215.079	1.377.064.023	1.705.878.563	23,9	46,0

Fonte: Secex/CICB, 2014.

variação negativa de -74,4% no período de 2012 a 2014, diferentemente da média brasileira, que tem apresentado um aumento nos valores, bem como no número de peças exportadas.

Conforme Campos (2006), o desenvolvimento dos curtumes esteve bastante atrelado ao crescimento da indústria calçadista, especialmente pelo seu direcionamento ao mercado externo, onde preço e qualidade são fatores determinantes de competitividade. Quando a indústria calçadista nacional reduziu sua produção em função da valorização do real, os curtumes ampliaram sua exportação. A estratégia adotada para substituir o mercado interno desaquecido foi, justamente, expandir a exportação de couros das fases inicial (*wet blue*) e intermediária (*crust*) de processamento, produtos de menor valor agregado. A consequência acabou sendo o acirramento da disputa entre esses segmentos da cadeia produtiva. No entanto, esta realidade mudou. Relatos da indústria calçadista no primeiro semestre de 2014 apontam para prejuízos, pois a exportação de couros e peles para o exterior pelos curtumes tornou-se mais vantajosa do que a venda no mercado interno.

Corrêa (2001), antecipando a situação descrita por Campos (2006), afirmava que uma saída seria o incremento da produção de couro acabado e também a exploração dos mercados de estofamentos residencial e automotivo; porém, esses mercados exigem couro de qualidade superior, extenso e com pouco ou nenhum defeito. Investimentos nesses setores gerariam mais empregos diretos e indiretos no Brasil e aumentariam os valores das exportações brasileiras de couro.

Em 2014, o cenário apontado por Corrêa (2001) já se tornava realidade. Desta forma, percebe-se que o mercado coureiro brasileiro tem passado por mudanças significativas, afetando direta ou indiretamente àqueles que dependem da matéria-prima produzida.

É fato que a indústria do couro tem experimentado um crescimento nas últimas décadas; porém, a sua adequação às novas tendências de mercado e às exigências ambientais é que garantirão sua sobrevivência e sua resistência às oscilações de mercado.

Os investimentos em pesquisas, infraestrutura para o escoamento da produção e formação de mão de obra especializada poderão fomentar o desenvolvimento da caprinocultura no Nordeste, especialmente no Piauí, contribuindo, assim, na

produção de carne e peles de maior qualidade, tornando a integração frigorífico/curtume uma realidade, além de alavancar um mercado em potencial em uma região menos desfavorecida economicamente.

4 Conclusão

Após a crise financeira de 2008, o mercado do couro restabeleceu a tendência de crescimento; contudo, os pequenos curtumes foram afastados da economia. Além da crise mencionada anteriormente, a pressão do governo e da sociedade por processos produtivos mais harmônicos com o ambiente favoreceu os grupos maiores, que puderam investir e continuar no mercado.

A economia piauiense precisa alinhar-se melhor em relação à produção de couro. A adequação às novas tendências de mercado, bem como o atendimento à legislação ambiental poderão garantir a sua sobrevivência e sua resistência às oscilações de mercado. Os investimentos na melhoria ambiental dos processos produtivos consolidariam a posição dos atuais curtumes e protegeriam melhor a sociedade da poluição inerente a este tipo de empreendimento industrial.

Referências

- ALVES, V. E. L. As bases históricas da formação territorial piauiense. *Geosul*, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 55-76, 2003.
- ARAÚJO, A. D. et al. *Melhoramento da caprinocultura no Semiárido piauiense: relatório técnico 2005-2007*. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2007.
- CÂMARA, R. P. B.; GONÇALVES FILHO, E. V. Análise dos custos ambientais da indústria de couro sob a ótica da eco-eficiência. *Custos e @gronegocio On line*, v. 3, n. 1, jan.-jun. 2007. [online]. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero1v3/custos%20ambientais.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- CAMPOS, S. H. A indústria de couros no Brasil: desempenho superior ao da indústria calçadista em 2006. *Indicadores Econômicos*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 37-46, set. 2006.
- ABREU, J. C. H. *Capítulos de história colonial & os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: UnB, 1963.
- FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ - CEPRO. *Piauí em números*. 10. ed. Teresina: Fundação Cepro, 2013.
- CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL - CICB. *Exportações de brasileiras de couros e peles*: julho 2014. Disponível em: <<http://www.cicb.org.br/wp-content/uploads/2014/08/TOTAL-JUL14-VR.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- CORRÊA, A. R. O complexo coureiro-calçadista brasileiro. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 65-92, set. 2001.
- GUTERRES, M. Tendências emergentes na indústria do couro. *Boletín Técnico de La Asociación Química Española de Industria de Cuero*, Barcelona, v. 57, n. 1, p. 22-27, 2006.
- MARTINS, L. M.; MOITA NETO, J. M. Uma análise do mercado de couro no Brasil e no Piauí. In: ROCHA, J. R. S.; BARROS, R.

F. M.; ARAÚJO, J. L. L. (Org.). *Ambiente, sociedade e desenvolvimento no trópico ecotonal do Nordeste*. Teresina: Edufpi, 2012. v. 6. p. 177-188.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. *Capítulo - SH 2 dígitos: 41 - Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros*. Disponível em: <<http://alicesweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

REY, S. et al. O couro: contribuição na caprinocultura sustentável. *Archivos de Zootecnia*, Córdoba, v. 56, n. sup. 1, p. 731-736, 2007. Disponível em: <<http://www.uco.es/organiza/servicios/publica/az/az.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

SANTOS, A. M. M. et al. Panorama do setor de couro no Brasil. *BNDS Setorial*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 57-84, set. 2002.

SHREVE, N. R.; BRINK JUNIOR, J. A. *Indústria de processos químicos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. *Livestock and poultry: world markets and trade*. Foreign Agricultural Service, 2014. Disponível em <http://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock_poultry.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2014.

*** Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade Federal do Piauí (UFPI) e professor dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia Ambiental e Sanitária no Uninovafapi. e-mail: leonardomartins@uninovafapi.edu.br.**

**** Doutor em Química e professor do Departamento de Química e dos programas de mestrado e doutorado em Química e em Desenvolvimento e Meio ambiente da UFPI. e-mail: jmoita@ufpi.edu.br.**